

O agronegócio é o seguinte

Desequilíbrio: o desafio de sustentar a rentabilidade

O SINAL de partida foi dado para safra brasileira de verão 2008/09. Pelo desempenho das vendas até agora no setor de insumos e máquinas, um indicador importante para avaliar o ânimo do agricultor, haverá aumento de plantio e o padrão de tecnologia será adequado. No princípio, tudo aparentava um cenário promissor para a renda do campo. Mas, uma onda de preocupação, muito justificável, alastra-se entre os produtores. A principal razão está no fato de a bolha de alta nos preços das *commodities* perder força e passar a ceder nas principais bolsas.

A relação entre o preço dos fertilizantes e o custo de produção merece uma consideração especial no caso do Brasil, onde seus cerrados possuem solos fracos, que não podem prescindir do insumo. Governo e empresários precisam olhar com carinho a questão do fornecimento de adubos, cuja dependência externa já chega a três quartos, e pode aumentar ainda mais. Como ratifica o Projeto Millenium, na aplicação da Segunda Revolução Verde na África, a produtividade agrícola está associada ao uso do fertilizante. É, na verdade, uma questão global.

Em termos históricos, as cotações continuam em patamares superiores, porém outras variáveis afetam o resultado econômico e financeiro da produção. A intensa subida no preço em dólar dos fertilizantes teve impacto direto no custo de produção das lavouras. O Brasil depende em quase 3/4 do seu consumo de produto importado. Para piorar, a valorização do real frente ao dólar, que no balanço final não foi suficiente para compensar a elevação dos preços dos fertilizantes, congela quaisquer perspectivas de melhoria de receita, como no caso da soja, o carro chefe da produção nacional de grãos.

A situação ganha contornos dramáticos nas regiões mais distantes, como no Centro-Oeste, onde a fronteira agrícola registra expansão e a dependência do modal rodoviário infla o custo do frete. A margem do agricultor sofre brutal achatamento. As simulações de receita e despesa mostram uma diferença cada vez menor nos últimos meses. *Agroanalysis* apresenta uma matéria em que analisa o resultado para uma propriedade com as culturas de soja e milho rotacionado, um modelo muito freqüente de exploração empresarial. Uma das conclusões é o efeito da produtividade como fator para a melhoria do lucro.

E, para o confinamento de animais na pecuária de corte, a situação também é de muita dúvida. O custo

de produção teve uma elevação significativa e o lucro somente começará a ser sentido a partir da arroba em torno de R\$ 105,00. A reposição de bezerro ficou cara, assim como ficaram caros os preços de alguns insumos, principalmente o do sal mineral. A volatilidade do mercado futuro não dá ao criador a certeza de uma esperada época de vacas gordas diante da queda na oferta de animais para abate, a ponto de muitas indústrias frigoríficas fecharem suas portas.

Na citricultura, a dispersão entre os valores máximo e mínimo contratados pelos produtores, desde a safra 2001/02, atingiu seu pico em 2007/08, mas demonstra tendência de continuar elevada em 2008/09. Esse fenômeno reflete a disparada dos valores máximos por causa da elevação dos preços no mercado externo frente aos problemas enfrentados pelos Estados Unidos, também grande país produtor. Esta situação de convivência entre valores tão díspares fermenta a insatisfação no campo. Principalmente porque mesmo os preços máximos não são satisfatórios.

Para piorar, a Rodada Doha terminou sem acordo. Nosso agronegócio perde com esse fato.

A exemplo de anos anteriores, *Agroanalysis* traz um conjunto de artigos sobre a agricultura energética, basicamente aquela relativa à indústria da cana-de-açúcar. Sem dúvida alguma, dentre as cadeias produtivas do agronegócio brasileiro, a do etanol aparece no primeiro posto, quanto à aplicação do conceito e de estratégias de *marketing*. Nas principais cidades do País, uma campanha publicitária de dimensão nacional mostra para os consumidores o lado positivo do uso de um combustível renovável. Externamente, nos Estados Unidos, no dia 4 de julho último, quando é comemorado o Dia da Independência, foram veiculados filmes sobre o benefício econômico do uso do produto.

A verdade é que, embalada pelo etanol, a cultura da cana-de-açúcar se expande e leva progresso a muitas regiões do interior. Nos próximos cinco anos, em média, uma usina por mês passará a entrar em operação. A tecnologia da celulose e o emprego de matérias transgênicas ampliam os horizontes e a competitividade da cadeia. A bioeletricidade e as biorefinarias trazem novos ramos de negócios para o setor. Enfim, uma efervescência de atividades que atrai grandes corporações nacionais e estrangeiras. ■